



Museu da Democracia

Espaço democrático: O Brasil encontra-se em um cenário estorcedor em que a incerteza, o caos e a desigualdade ameaçam até mesmo a democracia. Nesse sentido, o museu se sedimenta na construção do espaço fundamentalmente mais democrático dentro do meio urbano: o espaço público. Propõe-se, assim, evocar a discussão, com foco na Ditadura Militar Brasileira, mas também o silêncio, a exposição, a apropriação, a inclusão e, principalmente, a reflexão através da arquitetura.

Um museu no Nordeste: A cidade de Recife, reflexo do nordeste brasileiro, tem uma vanguarda de pensamento expressiva, um brado independentista, democrático e liberal presentes em sua

história, a exemplo da Revolução Pernambucana, a Confederação do Equador e a Revolução Praieira. Por isso, e também por ser um berço cultural brasileiro, trazendo à tona personagens marcantes na defesa dos princípios democráticos como Joaquim Nabuco e Manuel de Oliveira Lima, a capital de Pernambuco é escolhida para implantar O Museu da Democracia.

Configurando a paisagem: Inserido no Rio Capibaribe, em frente ao memorial "Tortura Nunca Mais", do arquiteto piauiense Demétrio Albuquerque, o Museu da Democracia mescla-se à paisagem, composta pelo mangue e pelo horizonte construído de Recife, de maneira silenciosa, leve e horizontal. O acesso é feito

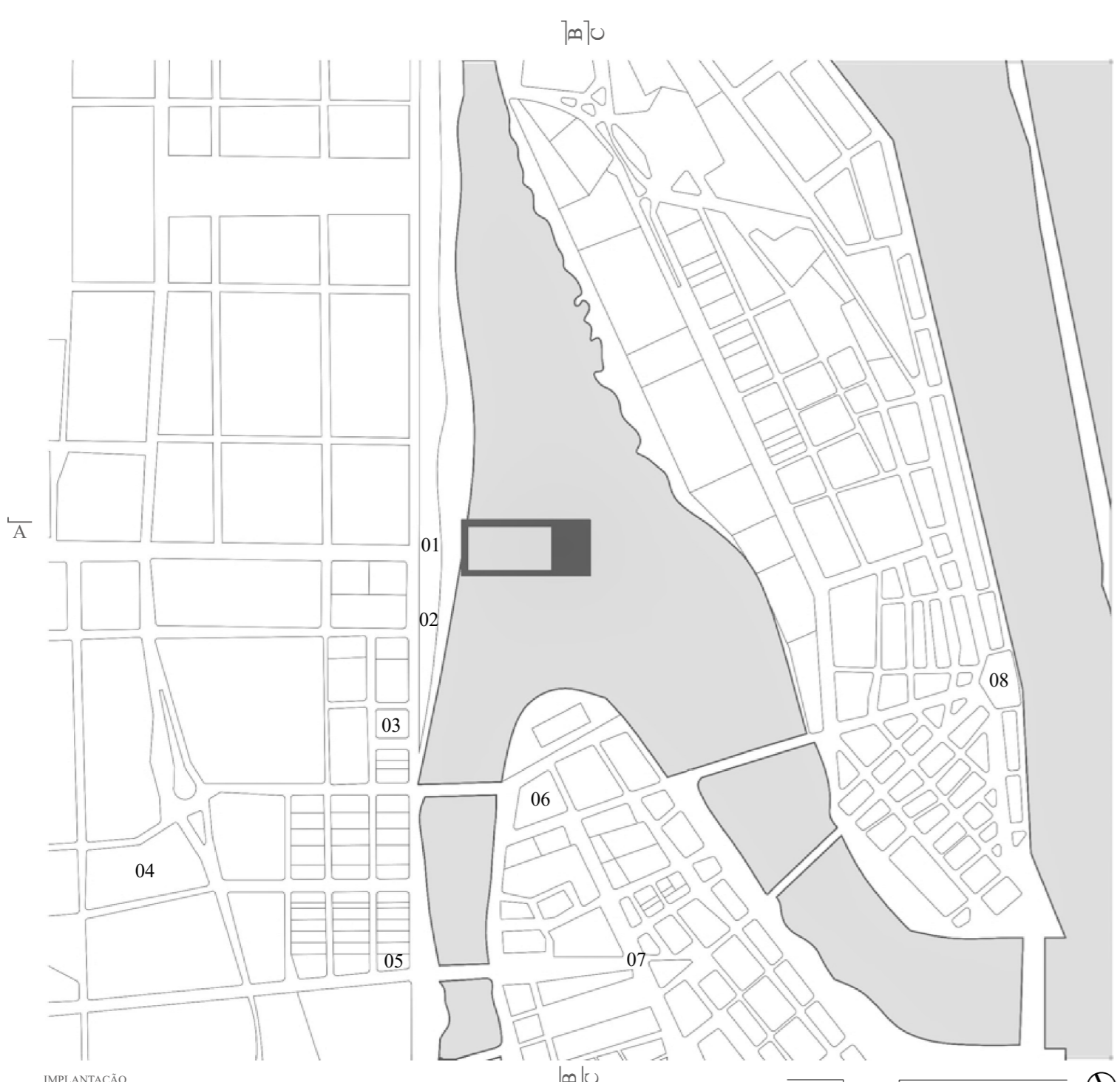
pela margem oeste do rio, na Rua Aurora, que dá início ao percurso através do passado para construir e ancorar identidades e alimentar uma visão do futuro.

A rampa inicial enquadra o projeto como um todo e seu reflexo na água dilui os limites definidos destacando sua escala. Isso permite a contemplação no decorrer do caminho até chegar em um átrio submerso, composto por espaços de estar como café, loja e biblioteca tornados por ambientes de acesso controlado. No centro, uma área expositiva temporária destinada a todo tipo de arte que expõe o tema democracia com o intuito de propor um primeiro encontro dela com o público. A área expositiva permanente distri-

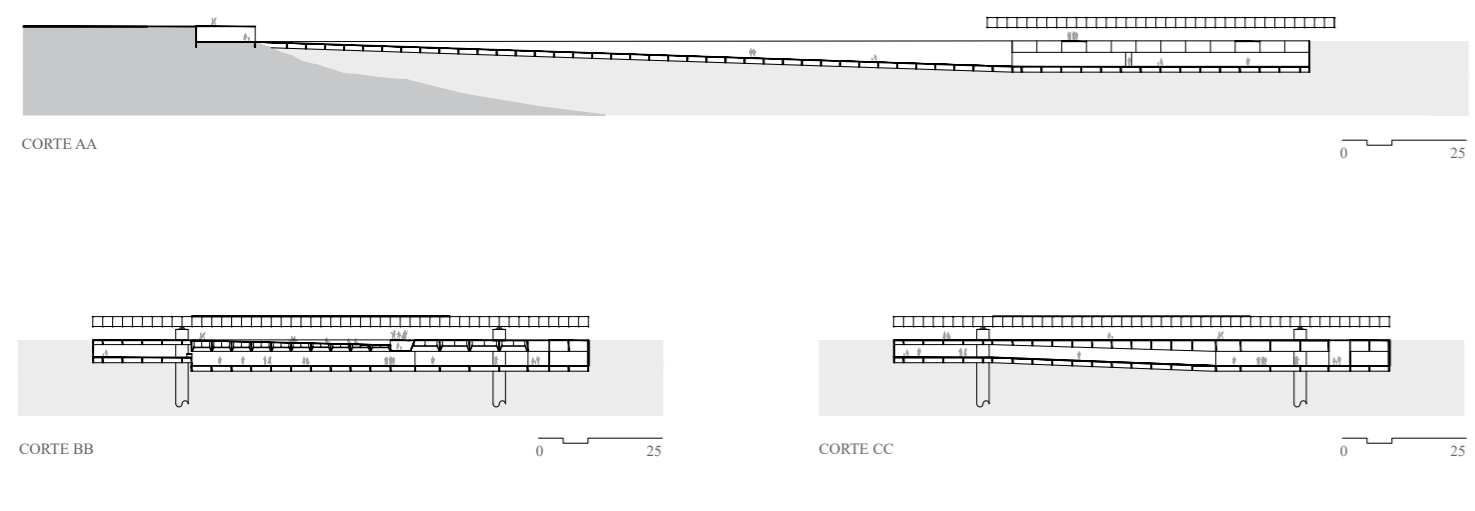
bui-se ao longo de um percurso ascendente que conta a história da Ditadura Militar, iniciando com antecedentes que culminaram no golpe, passando pelas atrocidades dos diferentes governos até o colapso do regime, finalizando essa passagem com o Memorial dos Mortos e Desaparecidos, espaço que reflete as trágicas consequências desse período. Entretanto, esse espaço traz consigo não somente a dor e a representação dramática de um atentado à democracia, mas também a visão para o exterior que, através do espaço público, representa o sonho democrático, alcançado no sacrifício dos homenageados. Finaliza-se o percurso na praça externa, que evidencia a paisagem e se manifesta como espaço de liberdade.

Nela se encontra o espaço de discussão e manifestação pública: um auditório aberto, ponto fulcral no projeto.

A construção do vazio: Partindo de um ideário eminentemente próprio do léxico da arquitetura brasileira, o Museu da Democracia apropria-se da expressão tectônica como principal veículo de linguagem arquitetônica. O arranjo estrutural é definido cartesianamente por quatro robustos pilares em concreto armado que, por sua vez, dão suporte a uma tênua cobertura em grelha espacial metálica. Os espaços comuns e as rampas da área submersa são estruturados por um sistema simples de contenções em concreto armado e esbeltas vigas dispostas em grelha.



Legenda. 01. Memorial tortura nunca mais 02. Antiga sede do DOPS 06. Teatro Santa Isabel 07. Cruzamento onde houveram as primeiras mortes no estado pela ditadura (estudantes Jonas Albuquerque e Ivan Aguiar) 08. Marco Zero



I. Rampa de acesso museu II. Praça da democracia e auditório III. Corredor: Os anos de chumbo IV. Espaço Expositivo Temporário V. Memorial dos Mortos e Desaparecidos

